

APRESENTAÇÃO

O presente volume da *Remate de Males* contém o dossiê “ECOCRÍTICA(S). Literatura e Colapso Ambiental”, organizado pelos Professores Elena Brugioni e Alfredo César Barbosa de Melo, bem como artigos e resenhas avulsos. O dossiê possui uma introdução própria, apresentada abaixo. Quanto aos textos de temática livre, eles são os seguintes: “*Hototogisu*, a história de um romance de sucesso”, de Karen Kazue Kawana, que examina a obra de Roka Tokutomi (1868-1927), prestando particular atenção ao processo social que introduziu o romance moderno no Japão. Edson Ribeiro da Silva, no seu artigo “A sedimentação e a inovação como atos intencionais que configuram *Dora Bruder* como um romance-de-testemunho”, observa como este romance de Patrick Modiano faz uso tanto da memória individual como da coletiva para que ele possa configurar a verdade daquilo que narra e assumir-se como testemunho com valor de arquivo. João Gabriel Mostazo Lopes j., em “Dificuldade da poesia: desafiando o modelo teórico de Alfredo Bosi”, procura desenhar os primeiros parâmetros do que está chamando de “dificuldade da poesia”, tomando como ponto de partida a reflexão crítica sobre o conceito de “resistência” formulado por Alfredo Bosi nos anos 1970. O funcionamento do conceito bosiano de resistência depende de uma dupla projeção: de um lado, tendo perdido a sua capacidade de “nomear a vida”, o poema resistente, ou lido sob a chave da “poesia enquanto resistência”, projeta-se sobre a imagem do que o autor chama de “unidade mítica perdida” da poesia; de outro, instalando-se em um “presente aberto”, o poema resistente profetiza um “futuro promissor”.

Fernando Mendonça, em “O deserto e o verbo em A paixão segundo G. H.” -, observa neste romance a ênfase narrativa que desconstrói a categoria de espaço vivenciada pela protagonista, através da sobreposição

de realidades físicas distintas, como a paisagem de um deserto por sobre o quarto de uma empregada; percebe-se então no livro uma forte identificação espacial entre linguagem e existência. André Luiz Gellis - Juliana Araujo Nascimento, em “Le Horla: fronteiras e limiares entre Maupassant e Freud”, observam que, renunciando aspectos da realidade humana investigados por Sigmund Freud, *Le Horla* de Maupassant retrata a possessão do protagonista anônimo ou por um monstro desconhecido ou por uma desordem mental que parecem transpor a estrutura mental maior que governa a sociedade da época e o regime de pensamento que se impõe com a secularização dos costumes, em uma narrativa em forma de diário que permite outras tantas aproximações com a psicanálise.

Conrado Fogagnoli, em “Apollinaire e as artes não-europeias: em busca de uma nova figuração” -, trata das relações do Guillaume Apollinaire crítico de artes com as chamadas artes não europeias. Designadas genericamente de “artes primitivas”, as artes produzidas fora do continente europeu (africanas, oceanianas, egípcias, cambodjiana, etc.) representaram um papel fundamental na chamada *belle époque* francesa na medida em que foram entendidas como um novo modo de figuração que interessava aos artistas. Bruno Henrique Alvarenga Souza, em *João Cabral de Melo Neto, poeta menor* -, intenta promover uma leitura da poesia de João Cabral de Melo Neto associando-a a conceitos oriundos do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, notadamente a concepção de literatura menor e suas consequências estéticas e políticas.

No segmento das resenhas, este número da *Remate de Males* traz, de Benito Petraglia, a “Resenha de atualidade de Machado de Assis: leituras críticas”, de Andréa Sirihal Werkema & João Cezar de Castro Rocha. (Atualidade de Machado de Assis: leituras críticas. Org. Andréa Sirihal Werkema & João Cezar de Castro Rocha. São Paulo: Nankin, 2021, 348p.). Para o autor, a começar pelo título, o termo “atualidade” evidencia uma ambivalência a respeito da qual não é possível determinar se houve ou não propósito. Pois “atualidade” pode referir-se tanto às interpretações atuais de Machado quanto à validade de sua obra como perene recurso de compreensão do mundo. Os textos reunidos no livro respondem “sim” aos dois sentidos: é possível, sim, ler a obra do escritor de diferentes modos e seu prazo de validade está, sim, longe de se esgotar – é remédio sem médico, atemporal e universal.

Claudio Cardinali, nas “Notas sobre Rainha Lira”- (Roberto Schwarz: *Rainha Lira. Peça teatral*. São Paulo: Editora 34, 2022.) considera que

a mais recente peça de Roberto Schwarz, *Rainha Lira* (2022) é uma apropriação artística dos acontecimentos sociopolíticos brasileiros dos últimos seis anos. Esse aspecto não determina por si só o valor estético da peça. Vê-se que sua unidade e força estéticas dependem principalmente de sua estrutura. As contradições fundantes da sociabilidade brasileira configuram também a dinâmica formal em *Rainha Lira*, onde a relação entre modernidade e atraso aparece profundamente imbricada com a própria dinâmica das falas e das cenas. Nicholas Brown (traduzido por Vitor Soster) em “Seja como for... uma consideração a mais”, resenha a obra *Seja como for: Entrevistas, retratos e documentos*, de Roberto Schwarz (- São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2019). O autor aponta para a coleção recente de “entrevistas, retratos e documentos” de Roberto Schwarz que poderia apresentar, numa primeira olhada, o aspecto de uma miscelânea. No entanto, é muito mais do que isso. Por meio do olho de Schwarz para detalhes romanescos, o mundo – aquela parte dele conhecida como “Brasil” – mostra-se repleto de romances não escritos.

Os Editores